

Coleta seletiva deixa muito a desejar



O prejuízo que a capital paulista tem com a ineficiência da coleta seletiva de lixo - R\$ 749 milhões anuais, de acordo com cálculo feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a pedido de **O Estado de S. Paulo** - não deixa dúvida de que está mais do que na hora de a Prefeitura rever sua política para esse setor.

E esse cálculo é conservador. "As perdas são certamente maiores", afirma o pesquisador Jorge Hargrave, autor do estudo, porque não foram levadas em conta as perdas sociais e ficaram fora dos cálculos, por dificuldade de obtenção de dados, alguns materiais recicláveis. Os principais componentes desse prejuízo, como mostra reportagem do **Estado**, são os custos adicionais das indústrias pelo uso de material virgem em vez de reciclado, os danos ambientais e os gastos públicos com destinação final desse lixo em aterros.

Deixam de ser recicladas, todo ano, cerca de 1 milhão de toneladas de papel, papelão, plástico, aço, vidro e alumínio, que se per-

dem misturadas ao lixo convencional. São recicladas por mês 3,1 toneladas de lixo, uma quantidade muito pequena, que corresponde a apenas 1% do total do lixo produzido. Mesmo sem querer atingir o nível de Estocolmo, na Suécia, de 25% - o que hoje seria irrealista -, é possível fazer muito mais.

Esse fraquíssimo desempenho se deve ao fato de o número de centrais de reciclagem - que selecionam o lixo separado pela população e vendem o material para empresas - hoje existente, apenas 16, estar muito aquém das necessidades. Para tornar realidade a políti-

A ineficiência da coleta seletiva de lixo na capital acarreta sérios prejuízos

ca municipal para esse setor, estabelecida por lei sancionada em 2003, deveriam ser construídas 31 centrais até 2007. Em 2005, existiam 14 e desde então foram criadas só mais duas, o que significa que o setor ficou quase estagnado durante os últimos seis anos.

As 16 centrais não têm condições de receber todo o lixo selecionado pelos paulistanos. A Ecourbis deixa de coletar cerca de 10% do lixo selecionado nas regiões Leste e Sul da cidade. Os sacos que sobram, contendo esse material, ficam nas ruas e acabam coletados um dia depois pelos caminhões do lixo comum. A perda desse lixo acarreta também um prejuízo de ordem social, difícil de medir com exatidão, mas que é certamente considerável.

Cada central emprega em média 60 trabalhadores, recrutados em cooperativas formadas quase totalmente por ex-moradores de rua que coletam material reciclável de forma autônoma.

Cada um deles recebe cerca de R\$ 900 por mês. "Não existe hoje melhor política social para ajudar a retirar moradores das ruas que as cooperativas de triagem", diz Rene Ivo, fundador da cooperativa Coopere.

Não faltam razões, portanto, tanto de ordem econômica como social, para a Prefeitura e as empresas do setor de lixo se empenharem na construção, no menor prazo possível, das restantes 15 centrais de reciclagem.